

¹¹ Entrevista citada ao *JL*, p. 14.

¹² Este manifesto interesse de Graça Moura por outras artes não é exclusivo da escrita poética, manifestando-se em outros géneros cultivados, até ao trabalho ensaístico mais recente, como em *Diálogos com (Algumas) Imagens*. O tema faz parte da auto-consciência crítica do autor sobre a natureza e papel da éfrase na escrita poética (cf. *Discursos Vários Poéticos*, p. 490-3). Aliás, a crítica tem realçado esta importante vertente criativa da sua poética, por exemplo em ensaios de Eunice Ribeiro (cf. *VGM. Cinquenta anos de vida literária de Vasco Graça Moura. Aliás: uma homenagem*, ed. cit., p. 41-58).

¹³ Ao ser interrogado sobre a presença transversal da ironia no que tem escrito, dentro e fora da poesia, Graça Moura responde: «Precisamente porque a ironia acaba por ser uma arte de pôr tudo em questão, quando ela se instala e se põe a funcionar no poema, acentua a sua precariedade e desmente quaisquer velocidades de 'absoluto' que nele aflorem» («Vasco Graça Moura», entrevista cit., p. 156).

VASCO GRAÇA MOURA: 50 ANOS DE VIDA LITERÁRIA

UM MODO VERBAL DE ESTAR NO MUNDO

O título da mais recente compilação de ensaios e críticas sobre literatura, assinada por Vasco Graça Moura, *Discursos Vários Poéticos**, é uma sintomática forma de associar à poética aquilo que mais lhe diz respeito: os assuntos da *polis*. É certo que o binómio política/poética nem sempre coloca no mesmo estatuto ou no mesmo plano de poder simbólico essas duas esferas da ação humana, culturalmente considerada. No nosso tempo, a dicotomia entre política e poética é tão evidente que tem servido o programa em curso, a saber: o do gradual esquecimento e concomitante ignorância do que caracteriza uma maneira de ser e de estar portuguesmente no mundo.

Antes de mais, estes «discursos» são sustentados por uma conceção da cultura como coisa viva e processo dinâmico, por muito que possamos alinhar com a ideia de a cultura, na sua evolução, poder ter momentos — como o atual — de crise ou de queda a que um conceito como o de «decadência» parece dar maior operatividade. Que vivemos uma crise de ideias e de valores, eis um facto incontestado. Ora, Vasco Graça Moura tem respondido com elevação e com posições públicas relativamente ao que hoje sucede em Portugal, e, não será de mais dizê-lo, essa posições revelam um pensamento em concordância com as suas palavras e as suas ações. Dir-se-ia que é contra a sensação generalizada de «decadência» que a ação cultural se abre como esperança. Vasco Graça Moura, para todos os efeitos, tem sido um dos nossos mais obstinados agentes da esperança.

Reunindo trabalhos dos últimos vinte e poucos anos, inscrevem-se estes *Discursos Vários Poéticos* na linha dos escritos intelectuais

empenhados, e para os quais estudar questões de poética é, de algum modo, inquirir sobre questões de política. Vasco Graça Moura firma as suas leituras da nossa literatura e cultura num quadro vasto e erudito, revelador duma coesão e coerência raras, mesmo quando polemizante. Irrompe, por isso mesmo, e a cada passo, não só o perfil do crítico ou do ensaísta, mas, sobretudo, o do humanista que o poeta de *Instrumentos para a Melancolia* para si tem reclamado.

Sob este prisma, trata-se de um livro que compreende a arte da palavra (seja quando disserta sobre poetas e poemas, seja quando se debruça sobre romances ou outras realizações culturais) como «um modo verbal de estar no mundo». Tal asserção traduz, nas suas possibilidades de sentido, a ideia de que estar no mundo é estar atento (como uma antena, diria Sophia) às vibrações do humano e tudo quanto o cerca. A sentença de Terêncio tem aqui toda a sua expressão, tal a profusão de temas e problemas que este volume congrega.¹ De facto, nada do que é humano será estranho ao autor deste livro que a Verbo, em boa hora, publicou. E, realce-se, esta coletânea passa a integrar um catálogo de ensaística rigorosa e exigente e de que fazem parte, entre outros, estudos marcantes sobre cultura e literatura portuguesas de autores consagrados: de Casais Monteiro (*A Palavra Essencial*) ou Esther de Lemos (sobre a poesia de Camilo Pessanha) a Jacinto do Prado Coelho, que, com esta chancela, publicou a sua tese *Diversidade e Unidade em Fernando Pessoa*.

Nestes *Discursos Vários Poéticos* parte-se de uma premissa — a mesma que tem animado as reflexões mais profundas no que concerne ao estudo da poesia, desde Hugo Friedrich a Käte Hamburger; de Henri Meschonnic a Jean-Luc Nancy —, a de que *poiesis* é, primacialmente, um fenómeno de linguagem. Do ponto de vista humanista e ao mesmo tempo fenomenológico, a poesia será um produto que, enquanto objeto de cultura, pertence à ordem dos fenómenos humanos e, como tal, é expressão *humanista* dum fazer. Graça Moura não se exime jamais a aproximar-se dos diversos objetos de estudo segundo essa aliança, digamos assim, fenomenológico-humanista. Os autores e obras que aqui contempla estudam-se precisamente pela ótica fenomenológica do fazer literário.

As análises, as exegeses, os exames aqui propostos não são, logo, exercícios impressionistas. O leitor crítico é curioso, mas também um pensador comprometido com o fito de seduzir (*seducare*, verbo latino que reenvia para a noção de educação) quem o lê. Que esse ato de educar seduzindo se impõe em Vasco Graça Moura, seja em estudos como *Camões e a Divina Proporção* (1985), seja na sua poesia ou romance (sempre didáticos, parece-nos), é algo do domínio do truísmo. O poeta de *Modo Mudando* tem sabido, no seu ecletismo, pensar a cultura a que pertence, refletindo também sobre a sua própria existência no mundo e,

por isso, a esfera da intervenção pública casa-se, nele, com a dimensão mais intimista, a qual encontramos nestes «discursos», sempre estilizada por meio da evocação e pelo equilíbrio desse tom íntimo com o jargão técnico que, por necessidade, tem de usar para descrever objetos sobre os quais se debruça.

A poesia é o género a que o autor mais tempo de leitura dedica. Surge o discurso poético como modo definidor, por excelência, do animal humano — um «modo verbal», diga-se, de o entender. Tal compreensão legitima-se pela inteligência que a palavra da poesia faz mover. *Movere* é, como se sabe, um dos preceitos da Retórica e da Oratória. A preocupação de fundo é, sublinhemo-lo, de ordem política, poética e, por isso, pedagógica. Não por acaso, em entrevista recente, Vasco Graça Moura esclarece a sua posição no que tange à nossa presente realidade político-cultural. Essas palavras como que poderiam encimar, em jeito de epígrafe, esta compilação:

Estamos numa situação de tal maneira difícil que, quando um chefe de família tenha de optar entre comprar um caderno para um filho para uso escolar ou comprar um bilhete para o cinema ou para o teatro, e compra o caderno porque não tem meios para fazer as duas coisas, alguma coisa está em perigo e talvez precise de uma atenção diferente por parte do poder público.

Saibamos, então, ler estes «discursos» como forma de combate contra o gradual empobrecimento cultural da nossa vida coletiva. Procurando dar a conhecer muito do que se publicou no nosso país desde há vinte anos até agora, constata-se o divórcio do público com os bens de cultura — da alta cultura. Não se pode dizer que esse seja um fenómeno absolutamente português. Num dos artigos iniciais, também se reflete sobre a degradação do gosto público na Europa, nomeadamente em França, onde o surgimento de certa literatura *light* mais não é que a torrencial exposição do mundo íntimo e da sexualidade de certos autores. Lembremos: está em causa, diz, em Portugal como na Europa, resgatar da ignorância o património literário que poderia dotar a população dum espírito crítico mais profundo. Condena-se uma literatura (ou as práticas culturais mais comuns num Ocidente onde impera a trivialidade dos gostos, modas e opiniões) de mero entretenimento. Declara Vasco Graça Moura:

Não se trata de desenvolver uma política, trata-se de criar condições para que as pessoas se apercebam da importância desses conteúdos e legado. [Devemos] criticar os programas escolares portugueses que afastam «os grandes autores», de Gil Vicente a Shakespeare, [trata-se]

«[d]um divórcio quase total» de Portugal com «as grandes obras do património universal».

Estamos perante a defesa de uma *Weltanschauung*, isto é, de uma cosmovisão. O ensaio, enquanto género, será também isso: o proporcionar a dúvida que agita o afeto e a inteligência que analisa e decompõe problemas, alargando as nossas formas de ver os outros e de nos vermos.

Discriminando e defendendo pontos de vista que devem ser, tanto quanto possível, diferentes (ou divergentes) daquilo que a ideologia procura construir como padrão, Vasco Graça Moura pensa, pesa e põe à prova o que temos vindo a ser no último quarto de século. Ao *examen* — ao registo do ensaio — soma-se o *ludus*, termo que um Sainte-Beuve aproximava da escrita ensaística e que Graça Moura não enjeita, e ganha com isso o leitor, uma vez que o estilo ensaístico não nos conduz jamais ao enfado ou à impressão de aridez.

Discursos Vários Poéticos reenvia ao conhecido livro de título quase homónimo, de Manuel Severim de Faria, *Discursos Vários Políticos*, dedicado às biografias de Luís de Camões, Diogo do Couto e João de Barros, editado em 1624. Cruzando autores e obras, problemas e temas da poesia e cultura portuguesas, segundo «um modo verbal de estar no mundo», o livro de Graça Moura é extenso, com 540 páginas, espécie de itinerário multimodo por pessoas, textos, épocas, artes e circunstâncias, as mais diversas.

Aqui, o leitor poderá ler, ou reler, artigos publicados em revistas (em *Os Meus Livros* e na *Ler*, por exemplo) ou em jornais. Mas há também textos saídos por ocasião de entregas de prémios ou quando da receção de condecorações ou galardões internacionais. Reuniram-se ainda ensaios escritos para as outras circunstâncias: intervenções em congressos, prefácios a livros de poetas ou romancistas de reconhecido mérito, e também textos de homenagem.

Não se espante o leitor com apontamentos relativos a datas, da literatura, da política e das artes. E não se espante com a referência a edições *princeps* ou curiosidades histórico-culturais, muitas vezes retiradas da própria experiência de vida. Há um certo gozo, já o dissemos, no cultivar de um estilo, dir-se-ia, por vezes, *blasé*. Há como que a presença de uma voz que, discorrendo sobre David ou Nemésio, sobre a imagem e a prática da *ekphrasis* (ou a ausência dela) em Viale Moutinho ou em Manuel Gusmão, dissertando sobre Florbela Espanca ou Sophia e o seu rigor ético, evoca e convoca situações humanas — «casos», se quisermos aplicar um termo regiano —, leituras e experiências biográficas. Leia-se, a título de exemplo, o artigo «manuscrito encontrado na botica» (a páginas 208), publicado no *Diário de Notícias*, em abril de 2004. Recupera-se o percurso da *Microcosmographia*, de André Falcão

de Resende, poeta nascido em 1527, relatando-se o facto excêntrico de esse poema didático-alegórico ter sido «(re)descoberto» numa botica da Misericórdia de Guimarães, em 1800, por Tomé Luís Felgueiras! Aproveita o ensaísta para ironizar sobre «o destino de certas obras» que esperam séculos até que alguém — quase sempre por acaso — venha repor a justiça e relembra que este ou aquele documento existem e devem ser preservados, divulgados e defendidos dos ocasos (e descasos) do tempo e dos homens.

Por outro lado, entrecruzam-se neste livro teoria da tradução e poética, memorialismo e crítica, história do livro e história política. Não raro, Vasco Graça Moura empresta a essa escrita a ironia necessária para que, mesmo havendo emoção no tratamento de certos autores ou obras, haja o necessário distanciamento crítico. O seu estilo reenvia-nos para mestres da comunicação e da cultura como Nemésio e David, mas também para Steiner. Num registo claro, culto e ao mesmo tempo acessível ao leitor não especializado, estes «discursos» são o que um discurso deve ser: domínio pleno dos instrumentos da retórica (e da oratória, pois é prazeroso ler alto o que está escrito), fazendo da pronúncia uma intervenção pública. E por isso mesmo o título não foi escolhido ingenuamente.

Consulte-se o índice. Abre com dois ensaios sobre Fernando Pessoa. Um primeiro sobre a *Mensagem*, um outro sobre a «inflação» do fenómeno «Pessoa». Em ambos a surpresa de ver como Vasco Graça Moura escreve «de costas voltadas» para o criador dos heterónimos. São dois artigos publicados em 2010, na revista *Ler*, e, seja pela ousadia do gesto, seja pela fecunda releitura a que nos submete, não podemos deixar de verificar a pertinência de algumas observações a respeito do poeta de «Tabacaria». Com a crítica que lhe é movida, o criador da heteronímia surge aos nossos olhos de um modo talvez diferente. Tenha-se em conta, por exemplo, esta passagem: «Pessoa nunca compreendeu que, para engendrar uma epopeia, teria sido também necessário incluir nela uma dimensão lírica, em especial no tocante ao amor, às suas várias formas, aos seus casos concretamente considerados, à sua dimensão ontológica e até cósmica» (p. 18).

Confesso «anti-pessoano», Graça Moura condena os raciocínios paradoxais, as passagens «patentemente falhadas e deselegantes» que *Mensagem* comporta. O uso da primeira pessoa — em texto que, no caso vertente, será de opinião, mais do que exegese analiticamente fria — vai ao encontro do tom polemizante que, sabemos-lo, é também um modo de ser do autor de *O Concerto Campestre*. Consciente dessa sua faceta, Vasco Graça Moura ironiza a respeito do que afirma sobre o poeta modernista: «Mas já ninguém se espantará de me ouvir considerar aquela afirmação de que ‘literariamente’, o ‘passado de Portugal está no

seu futuro’» (palavras de Pessoa à *Revista Portuguesa*, por ocasião da publicação da sua épico-lírica) uma «portentosa parvoíce, à maneira para mim insuportável, de muitos paradoxos pessoanos do mesmo tipo» (p. 19).

Citando Jorge de Sena, o autor de *Discursos Vários Poéticos* tem, nesses dois artigos/ensaios sobre a épica fernandina, o cuidado de informar o leitor quanto ao ciclo poético a que *Mensagem* pertence. Integra essa obra no contexto histórico-mental da época e, posicionando-se a favor de Camões (inferência lógica, sabendo que Graça Moura é dos mais penetrantes exegetas de *Os Lusíadas*), estabelece a linhagem daquela épico-lírica à luz dos contributos de Mário Beirão e de Oliveira Martins, seus predecessores, a par de Junqueiro (que prefigura Portugal no Doido de *Pátria*)...

O que se depreende é que *Mensagem* não é essa obra original que entroncaria na reatualização moderna do género épico antigo e de que *The Waste Land*, de Eliot, ou, *Cantos* de Ezra Pound serão os mais altos representantes. *Mensagem* seria tão-só o produto de certa espectralidade e de certo simbolismo que, nele, Pessoa, é «mero» desfiar de heróis passados e mitificados num presente de nevoeiro... O ensaísta persegue, como facilmente se vê, um entendimento do fenómeno poético não, como «pensar que sente» ou «sentir que pensa» — contradição que não caberá no espírito e formação, digamos assim, clássica do tradutor de Petrarca —, mas como experiência que coagula a consciência da passagem do tempo e se estatui como «objecto verbal de simulações controladas». O poema é, para o autor de *Nó Cego*, o *Regresso*, objeto irónico e que não se faz com sentimentos, senão com esse «coeficiente de mundo» que levará a colocar-se em «estado de emergência», como diz Reverdy, a palavra a fazer-se arduamente. Note-se, portanto, que se digladiam, ou se conjugam (o leitor escolherá), ao longo destas quase quinhentas e cinquenta páginas, o Vasco Graça Moura poeta e o Vasco Graça Moura ensaísta. A coerência entre os dois planos — o crítico, ensaístico e o criador literário — obedece a uma coerência que tem por base uma sólida e arreigada crença nos valores do classicismo como *modus vivendi* ou maneira de enfrentar uma modernidade perigosamente irracional.

De resto, é neste sentido que Graça Moura percorre um conjunto de autores pouco lidos na atualidade. Pelo gosto de resgatar os clássicos dum esquecimento injusto. Para além dos ensaios magistrais sobre a obra nemesiana — de que Graça Moura destaca o seu aspeto anfíbio, lembrando a célebre síntese de David Mourão-Ferreira sobre o autor de *Mau Tempo no Canal* —, há também lugar para homenagear David e a sua faceta de tradutor, reconhecendo que no poeta de *Do Tempo ao Coração* se harmonizavam a mestria do verso com a inteligência no

modo como *traduttore* é sinónimo de *tradittore*, conquanto «trair» seja, entenda-se, assumir a própria condição de poeta quando se traduz poemas de outras línguas.

Oferece-nos Graça Moura uma verdadeira lição sobre teoria da tradução no ensaio que dedica a João Barrento. Modelar pela subtilidade das observações acerca das dificuldades e fascínios que fazem do trabalho de traduzir poesia não um «processo acumulativo de soluções parciais», mas sim «a orquestração de uma totalidade» (p. 316), esses são artigos de grande inteligência crítica e úteis num momento em que, ressalva o autor, se tem assistido em Portugal a um significativo aumento de poetas traduzidos, sejam eles europeus ou de outras latitudes. Inteligência crítica e profundidade hermenêutica, eis o que encontramos nas recensões a respeito de António Franco Alexandre (a propósito da publicação de *Duende*, de 2003 — a melhor leitura crítica que conhecemos sobre esse livro de sonetos), Florbela Espanca (extenso estudo sobre o *ethos* da poetisa e as suas repercussões ao nível da linguagem) e João Cabral do Nascimento.

Note o leitor o apreço de Graça Moura por autores um pouco esquecidos ou nem sempre devidamente alvo de atenção por parte do ensaísmo. O que expende sobre o criador de *As Três Princesas Mortas num Palácio em Ruínas* é essencial para entender este poeta, hoje ignorado. Em alguns momentos, Vasco Graça Moura parece querer acertar as contas com um passado literário que, para a maioria dos leitores, irrompe nebuloso ou pouco interessante. Joaquim Paço d'Arcos, Manuel Antunes, Esther de Lemos (que, em 2003, publicou na Porto Editora uma seleta de ensaios intitulada *Estudos Portugueses* e a que poucos deram importância, não obstante a penetração dos ensaios reunidos), eis outros autores que emergem do olvido. Quem os queira estudar pode, agora, ter como referência o que, sobre eles, Graça Moura escreveu.

Precisamente a diligência quanto à nossa cultura (os «estudos portugueses»), leva o autor de *Discursos Vários Poéticos* a procurar fazer destes escritos uma prova de gratidão em relação ao muito que essa mesma cultura lhe tem dado. Resulta claro que o seu exercício do ensaio é também um modo de ir mudando o enfoque sobre os objetos estéticos que cartografam esse *húmus* cultural de que se parte para interrogar Portugal.

Estamos na presença dum intelectual e, como o leitor confirmará, para além das preocupações em analisar poetas e escritores portugueses (não escapam ao crivo de Graça Moura autores como Mário Cláudio, Pedro Tamen ou A. M. Pires Cabral), ressalta a importância dada a homens e mulheres de cultura como Eduardo Lourenço, Vítor Aguiar e Silva, Paulo Quintela, Pacheco Pereira, George Steiner, Richard Zenith ou mesmo Álvaro Cunhal (a quem dedica dois textos) e ainda José Saramago, Helena de Sá e Costa e Sophia de Mello Breyner Andresen.

A estruturação destes ensaios não segue — como seria desejável e mais prático — a diacronia dos escritos, as respetivas datas de publicação. Percebe-se, porém, que há conjuntos ou blocos de textos que correspondem aos interesses ou temas aqui explorados. De Fernando Pessoa a Sophia, sem esquecer as leituras críticas de Nemésio e David, Manuel Gusmão e Florbela, passando pela atenção prestada a livros de Tamen, Viale Moutinho, Franco Alexandre ou Luís Filipe Castro Mendes, as primeiras cento e oitenta páginas são, *grosso modo*, recensões a poetas. Segue-se, por assim dizer, uma «zona intermédia» de textos subordinados a temas ou eventos diversos, aí cabendo as leituras de antologias (é o caso do prefácio escrito para a edição de *Poemas Portugueses — Antologia da Poesia Portuguesa do Século XIII ao Século XXI*) ou de memorialistas como Marcello Duarte Mathias ou ficcionistas como Miguel Sousa Tavares ou Mário de Carvalho.

A evocação e a teoria literária, isto é, o uso perfeito da maquinaria teórica que consolida a exegese dos romances aqui estudados, conduzem-nos a modelares propostas de interpretação de livros tão diferentes quanto *Rio das Flores* ou o romance de Mário de Carvalho, *A Sala Magenta*. Graça Moura deslinda nesses autores uma arte de dizer que os faz ou mais cosmopolitas ou, se quisermos, mais próximos de uma matriz que remonta a Camilo e Aquilino ou a Eça... No fundo, adivinhamos, nas recensões a romances, a procura de uma tradição que possa escudar o «talento individual» dos autores em presença. A notação minuciosa, o perscrutar dos ritmos e sonoridades, das angústias e desafios patentes nas ambiências e estilo de poetas e ficcionistas (não se esquece a importância do ritmo frásico em autores como Mário Cláudio, Sophia ou Tamen) produzem a sensação de que, mesmo quando sintético, é Graça Moura um crítico analítico. Para que conste: não deixa de dar atenção ao trabalho estrutural das diegeses ou à arte dos diálogos em romancistas que mantêm viva uma forma de fazer romance em português. Em relação à *Sala Magenta*, o olhar clínico do nosso autor detém-se em aspetos impressionistas da narrativa, contemplando, de uma vez, a linhagem a que Carvalho pertence (Garrett, Eça, Raul Brandão, Aquilino). Sentencia, num tom reconhecível: «Eu atrever-me-ia mesmo a dizer que Mário de Carvalho pertence a uma espécie em vias de preocupante extinção: a dos autores que não dão erros de português... Mas além disso, trata-se de um escritor que nos proporciona um extraordinário prazer de redescoberta intelectual e estética» (p. 250-1). Avaliando da destreza verbal deste ou daquele romancista, lembra episódios da sua vida. Localizando momentos, pessoas e conversas, confere, assim, aos seus ensaios, esse mesmo prazer de descoberta intelectual e estética que imputa aos autores em análise.

Discursos Vários Poéticos é um livro exigente. Alguns dos textos mais interventivos, naquele sentido a que inicialmente nos referimos, estão numa secção que poderia ter sido intitulada «Estudos Portugueses», parafraseando Esther de Lemos. São verdadeiras chamadas de atenção quanto aos caminhos mais recentes (os desvios mais recentes) que a nossa contemporaneidade tem percorrido. Por ocasião de entregas de prémios (em especial os Prémios D. Dinis) ou comunicações em congressos, Graça Moura dirige as contribuições que autores como Aguiar e Silva ou Eduardo Lourenço, Frederico Lourenço ou Manuel António Pina deram a Portugal. Entendimento da literatura como construção de uma identidade, retenhamos o que, num desses momentos, escreve sobre o mestre em Camões, Vítor Aguiar e Silva: «Tudo isto, claro está [refere-se o autor aos agudíssimos ensaios reunidos em *A Lira Dourada e a Tuba Canora*, 2009] concomitantemente com outros textos que só ele poderá escrever [contribuem] para um conhecimento e uma interpretação verdadeiramente modernos da obra de Camões e da sua relevância para os portugueses, [envolvendo] toda uma complexa teia multipolar em torno de quem fomos, de quem pensamos hoje que fomos, de quem somos e de quem pensamos que somos, na história de Portugal, na consciência colectiva e na subjectividade portuguesa» (p. 266).

Esta edição faz-nos compreender melhor quem é Vasco Graça Moura e qual o projeto de cultura que o animou ao longo de cerca de cinquenta anos de atividade literária e cultural. Os últimos artigos — respostas a inquéritos, comunicações a propósito de galardões internacionais recebidos — refletem a visão do mundo do poeta de *A Sombra das Figuras*. E é como poeta que Vasco Graça Moura escreve. A ductilidade do seu estilo, a sageza das observações sobre a linguagem literária e, simultaneamente, a extensão e profundidade dos seus conhecimentos, recolhidos numa vasta experiência de homem político e homem de cultura, tudo isso acaba por se poder sintetizar transcrevendo o que o próprio escreveu sobre poesia na cerimónia da entrega da Coroa de Ouro do Festival de Poesia de Struga, em 2004. Nessa intervenção estará, porventura, o seu poliédrico retrato. Um retrato a que memória e tempo dão um justo contorno:

Very early in my life I noticed that poetry corresponds to my verbal way of being in the world. [...] Cultural creation has always developed a peculiar appetite for importing and exporting forms, because it always felt that contemporary artistic and literary forms could allow us to achieve a certain conciliation between Memory and Time. (p. 531)

António Carlos Cortez

* Vasco Graça Moura, *Discursos Vários Poéticos*, Lisboa, Verbo, 2013.

NOVOS DADOS SOBRE A LÍRICA GALEGO-PORTUGUESA

Os estudos sobre a lírica medieval galego-portuguesa têm conhecido nas últimas décadas um desenvolvimento considerável. Para além do aumento significativo de trabalhos dos mais diversos tipos, de estudos a edições críticas, monográficas ou gerais, sem esquecer as duas bases de dados atualmente disponibilizadas na Internet¹, temos assistido igualmente ao alargamento geográfico desta rede de interesse e investigação, rede cujos polos mais ativos, desde sempre sediados nos três países com mais forte tradição filológica nesta matéria, Portugal, a Galiza e Itália, se têm vindo a alargar a diversos outros países, com destaque especial para o Brasil. Dos contributos recentes dos investigadores brasileiros, e porque nem sempre têm a justa divulgação que merecem, aproveito para destacar desde já a excelente série de traduções de textos fundamentais da filologia portuguesa, a partir dos originais alemães de difícil acesso (e de difícil leitura para a generalidade dos investigadores), como é o caso dos estudos clássicos de Oskar Nobiling², de Henri Lang³, ou ainda das muito citadas mas, até recentemente, pouco lidas *Randglossen zum altportugiesischen Liederbuch*, de D. Carolina Michaëlis⁴, traduções estas em boa hora levadas a cabo e criteriosamente publicadas sob a coordenação da Professora Yara Frateschi Vieira. Deste interesse dos medievalistas brasileiros pela lírica galego-portuguesa e da disponibilidade editorial das suas universidades é também fruto o importante trabalho do professor e investigador galego José António Souto Cabo, agora publicado pela Universidade Federal Fluminense e intitulado *Os Cavaleiros Que Fizeram as Cantigas. Aproximação às Origens Socioculturais da Lírica Galego-Portuguesa**.

Centrado fundamentalmente no período inicial da lírica galego-portuguesa, o mais obscuro, mas também, decerto, o mais aliciente, nele Souto Cabo nos dá conta dos resultados da sua vasta e minuciosa investigação, realizada nos mais diversos fundos documentais galegos, e relativa à identificação e contextualização biográfica dos trovadores mais antigos que comparecem nos manuscritos, investigação de que resulta um número impressionante de novos dados, agora tornados públicos. Propor uma leitura integrada destes mesmos dados, com vista a um novo entendimento das origens do canto trovadoresco no Noroeste peninsular, é, assumidamente, o objetivo final deste trabalho. Em termos globais, trata-se, sem qualquer dúvida, de um relevante contributo para o avanço do nosso conhecimento sobre esse importante grupo de autores, cujo papel no estabelecimento e desenvolvimento inicial da lírica trovadoresca em galego-português é incontestável. A moderada e saudável dose de polémica que acompanha a interpretação dos dados é mais um elemento suscetível de animar a pesquisa e o debate futuros.